

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS**

ALICE CASTRO CARDOSO

SEJA SUBVERSIVA:
UMA EXPERIÊNCIA URBANA COMPARTILHADA

GOIÂNIA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **ALICE CASTRO CARDOSO**

Título do trabalho: **SEJA SUBVERSIVA: UMA EXPERIÊNCIA URBANA COMPARTILHADA**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Antônio Soares, Professor do Magistério Superior**, em 23/02/2023, às 10:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alice Castro Cardoso, Discente**, em 23/02/2023, às 17:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

ALICE CASTRO CARDOSO

SEJA SUBVERSIVA: UMA EXPERIÊNCIA URBANA COMPARTILHADA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso
Artes Visuais Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais
da Universidade Federal de Goiás.

Professor Orientador: Dr Marcos Antônio Soares

Professora da disciplina: Dr^a Adriana Aparecida Mendonça

GOIÂNIA

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Cardoso, Alice Castro
Seja Subversiva [manuscrito] : Uma Experiência Urbana
Compartilhada / Alice Castro Cardoso. - 2023.
31 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio Soares.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,
Goiânia, 2023.
Bibliografia.
Inclui lista de figuras.

1. subversão. 2. lambe. 3. arte e cidade. 4. deslocamento. 5. arte
urbana. I. Soares, Marcos Antônio, orient. II. Título.

CDU 7

ALICE CASTRO CARDOSO

SEJA SUBVERSIVA: UMA EXPERIÊNCIA URBANA COMPARTILHADA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Antônio Soares

(Orientação)

Prof. Dra. Adriana Aparecida Mendonça

Prof. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues

GOIÂNIA – GO

2023

**UFG**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 16 do mês de fevereiro do ano de 2023 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **“SEJA SUBVERSIVA: UMA EXPERIÊNCIA URBANA COMPARTILHADA”**, de autoria de **Alice Castro Cardoso**, estudante do curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo Prof. Dr. Marcos Antônio Soares - orientador FAV/UFG com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: membro 1 - Profa. Dra. Adriana Aparecida Mendonça, FAV/UFG; membro 2 - Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues, FAV/UFG. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a **nota final 10,0**, tendo sido o TCC considerado **APROVADO**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Aparecida Mendonça, Professor do Magistério Superior**, em 16/02/2023, às 15:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 17/02/2023, às 15:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Antônio Soares, Professor do Magistério Superior**, em 18/02/2023, às 16:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3464181** e o código CRC **AD7420D7**.

Para Sutil, que me mostrou a rua e ajudou a ver quem eu sou

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a todos aqueles que lutaram para que hoje eu, e diversas outras pessoas, pudessem ter acesso à educação crítica e de qualidade, proporcionando a aproximação do conhecimento crítico aos que mais necessitam dele.

Agradeço também meu amado companheiro Lenlen, que sempre me apoiou e acolheu, mantendo a “contenção” em todas as vezes que eu “mandava um ali”. Ao Bilo, por ser o companheiro da minha vida. À Tex, Tutu e Dodo, por me lembrarem que o que eu estava passando não era o fim do mundo.

Gratidão especial ao meu orientador Marcos, que aceitou me direcionar nessa estrada duvidosa e agitada, por todos os momentos em que duvidei e ele estava lá para me apoiar. À Adriana e Manoela, componentes da minha banca, mulheres que me inspiram diariamente na caminhada acadêmica. A todos os parceiros da caminhada na graduação, mas com destaque à ela: Lija, ninguém me apoiou tanto quanto você, jamais esqueça que você merece o melhor do mundo.

Por fim, agradeço a mim, por persistir, ter coragem e ser subversiva.

RESUMO

O presente trabalho discorre sobre as experiências de alteridade que se dão a partir da minha atuação com intervenções artísticas no contexto de algumas cidades. Com centralidade na potência e significado da frase “seja subversiva”, concretizada no lambe, adesivo e escrita manual, investigo tais suportes, malícias e linguagens enquanto dispositivos de insubordinação comunicacional e artística. Mediante a reflexão crítica, a experimentação e a produção artística no decorrer da pesquisa, percebo que a presença na rua pode ser reafirmação da existência de diversas mulheres enquanto pessoas ativas, livres e revolucionárias.

Palavras-chave: subversão; lambe; arte e cidade; deslocamento; arte urbana.

ABSTRACT

The present work discusses the experiences of alterity that arise from my work with artistic interventions in the context of some cities. Focusing on the power and meaning of the phrase “be subversive”, embodied in wheatpaste poster, adhesive and handwriting, I investigate such supports, malices and languages as devices of communicational and artistic insubordination. Through critical reflection, experimentation and artistic production during the research, I realize that the presence on streets can be a reaffirmation of the existence of several women as active, free and revolutionary people.

Keywords: subversion; wheatpaste poster; city and art; displacement; urban art.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Só quem se liberta compreende a prisão.....	5
Figura 2 - Não-Caixa	8
Figura 3 - Mural do festival LambesGoia na edição de 2019	9
Figura 4 - Mural na biblioteca da UFG, câmpus samambaia	9
Figura 5 - Intervenção com tinta spray em marquise no Beco da FAV	10
Figura 6 - Intervenção com squeeze de corante líquido na cidade de Lençóis na Bahia	13
Figura 7 - Intervenção em porcelanato com squeeze de corante líquido no Setor Sul em Goiânia-GO	14
Figura 8 - Adesivo do ano de 2021 colado em São José do Rio Preto-SP	15
Figura 9 - Adesivo do ano de 2022 colado no estádio Antônio Accioly em Goiânia-GO	16
Figura 10 - Foto de parte da exposição Lambesgoia ocorrida na Vila Cultural Cora Coralina.....	17
Figura 11 - Estêncil aplicado na parede do Müquifü Cultural durante oficina do Festival Lambesgoia.....	17
Figura 12 - Foto do lambe criado durante oficina do Festival Lambesgoia	18
Figura 13 - Foto da matriz tipográfica criada no Ateliê Tipográfico da UFG.....	18
Figura 14 - Impressões realizadas durante pesquisa no Ateliê Tipográfico da UFG.	19
Figura 15 - Lambes impressos em serigrafia a partir das impressões tipográficas ...	20
Figura 16 - Lambe em diversas cores colado em Goiânia - GO.....	21
Figura 17 - Adesivo colado em placa em Brasília-DF.	22
Figura 18 - Lambe colado em Goiânia-GO	23
Figura 19 - Faixa refletiva com a frase "seja subversiva" impressa em estêncil	24
Figura 20 - Adesivo com a frase "seja subversiva" como simulação de estêncil colado em Goiânia-GO	25
Figura 21 - Adesivo com a frase "seja subversiva" em composição com trincha colado em Goiânia-GO	26
Figura 22 - Montagem com realce dos nomes das artistas mulheres selecionadas para o Festival do Beco.....	28
Figura 23 - Foto do antes e depois do lambe colado por Bruna Alcântara na avenida Tocantins em Goiânia-GO.....	28

Figura 24 - Pôster ofertado pelas Guerrilla Girls para sua entrevista ao Augustana College	30
Figura 25 - Foto das Guerrilla Girls durante processo de colagem de pôsteres em Londres	31
Figura 26 - Foto tirada durante o processo de transposição da imagem para maior escala.....	34
Figura 27 - Detalhe do estêncil ainda com as pontes para impressão de detalhes...34	
Figura 28 - Detalhe do estêncil após colagem do filó para sustentação dos detalhes flutuantes.....	35
Figura 29 - Impressão finalizada do estêncil em papel jornal.....	35
Figura 30 - Passo a passo da manufatura do squeeze caseiro	38
Figura 31 - Foto do adesivo impresso em vinil transparente, em detalhes	40
Figura 32 - Foto do lambe após alguns dias	42
Figura 33 - Fotos dos adesivos criados para a prática artística dessa pesquisa	44
Figura 34 - Foto do manual de lambe criado para envio junto aos adesivos e lambes	44
Figura 35 - Detalhe de uma das cartas	45
Figura 36 - Adesivo em Vitória - ES em colaboração com Costa.....	46
Figura 37 - Adesivo em Rondonópolis - MT em colaboração com Norrls	46
Figura 38 - Adesivo colado na UFSCAR, em São Carlos - SP, em colaboração com Brito.....	47
Figura 39 - Adesivo colado em Porto Alegre - RS em colaboração com Ivan.....	47
Figura 40 - Adesivo colado em Sanclerlândia - GO em colaboração com Susu	48
Figura 41 - Adesivo colado em Uberlândia - MG em colaboração com Poldo	48
Figura 42 - Adesivo colado no Rio de Janeiro - RJ em colaboração com Cast.....	49
Figura 43 - Lambes colados em Brasília - DF em colaboração com 81	49
Figura 44 - Adesivo colado em Manaus - AM em colaboração com Karen.....	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
1. UM HISTÓRICO E UM MODO DE SER INSURGENTE.....	7
1.1 PERCURSOS E ATRAVESSAMENTOS INICIAIS.....	7
1.2 SENDO SUBVERSIVA.....	10
2. MEIOS, MALÍCIAS E ESTRATÉGIAS ARTÍSTICAS DE INSUBORDINAÇÃO.....	27
2.1 O QUE É SER SUBVERSIVA.....	27
2.2 MATERIAIS DE INSUBORDINAÇÃO.....	33
2.2.1 Técnicas.....	33
2.2.1.1 O estêncil.....	33
2.2.1.2 A serigrafia.....	36
2.2.1.3 Escrita manual.....	37
2.2.2 Suportes utilizados.....	39
2.2.2.1 O adesivo.....	39
2.2.2.2 O lambe.....	40
2.3 SUBVERSÃO COMPARTILHADA.....	42
SEJA SUBVERSIVA: CONSIDERAÇÕES FINAIS EM PROCESSO.....	51
REFERÊNCIAS.....	53

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasce do meu desejo de refletir e investigar a potência da arte urbana, materializada nos lambes, mediante a qual enfatizo inquietações e provocações sobre a experiência urbana de alteridade que se dá a partir do deslocamento e contato com essas intervenções artísticas no contexto contemporâneo das cidades. Pretendi pesquisar teórica e artisticamente formas de valorizar a experiência compartilhada de comunicação e arte não subordinadas ao mercado que estão presentes no ambiente urbano. Palavras como subversão, liberdade, acesso, comunicação e política regeram meus pensamentos, conceitos e processos durante esta pesquisa no campo das Artes Visuais.

Acredito nas intervenções urbanas como símbolo de liberdade, apoiada no momento em que o sujeito social se reafirma ao se deslocar, modificar, ser presente e ativo no ambiente que a ele e a todos pertence. Dessa maneira, me sustento na *Constituição Federal de 1988* para reiterar os direitos e garantias fundamentais dos indivíduos e coletivos brasileiros:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

XV - é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens. (BRASIL, 1988, Art. 5)

Acredito que a aproximação corpórea e intelectual com outras realidades sociais seja capaz de gerar reconhecimento do outro, legitimação do espaço individual e coletivo e, conseqüentemente, empatia entre tais indivíduos. A partir de uma nova sensibilidade com o outro, podemos incitar uma mudança de perspectivas, incentivando a convivência harmônica e coletiva entre os indivíduos, assim como, propiciar uma consciência crítica em relação às discussões sobre a exploração do meio ambiente e das manifestações culturais de cada grupo social.

Influenciada pelo verso da música *Eram os Deuses Astronautas* do grupo Um Barril de Rap, materializei minhas reflexões sobre liberdade em uma gravura

impressa em 2018 (Figura 1), quando percebi quão profícuo em minha construção pessoal foi vir morar e conhecer outro Estado e suas culturas.



Figura 1 - Alice Castro Cardoso, *Só quem se liberta compreende a prisão*, 2018. Linoleogravura, 21x29,7cm. Acervo pessoal.

A partir das reflexões de Paola Berenstein Jacques (2012), fui introduzida ao conceito de experiência urbana da alteridade. A autora reconhece que, nos dias de hoje, vivenciamos a esterilização da experiência urbana, que valoriza a espetacularização dos espaços pacificados e invisibiliza as narrativas daqueles que vivem à margem social, proposta essa muitas vezes conhecida como projetos urbanos de revitalização e gentrificação. Sustentada em suas observações, considero a intervenção artística urbana um movimento de resistência perante o enfraquecimento da experiência urbana de alteridade.

O processo de esterilização não destrói completamente a experiência, ele busca sua captura, domesticação, anestesiamento. A forma mais recorrente e aceita hoje desse processo esterilizador faz parte do processo mais vasto de espetacularização das cidades e está diretamente relacionado com a pacificação dos espaços urbanos, em particular, dos espaços públicos. A pacificação do espaço público, através da fabricação de falsos consensos, busca esconder as tensões que são inerentes a esses espaços e, assim, procura esterilizar a própria esfera pública, o que, evidentemente, esterilizaria qualquer experiência e, em particular, a experiência da alteridade nas cidades. (JACQUES, 2012, p. 11).

Nessa perspectiva, neste trabalho, tive como objetivo pesquisar os conceitos de intervenção artística urbana, alteridade e subversão, a partir de uma proposição e experiência artística vinculada à linguagem do lambe, na cidade de Goiânia e além. As inserções artísticas com os lambes se deram de forma intuitiva, com objetivo de tensionar as percepções do público com eles mesmos e a cidade. Encontrei no lambe então uma linguagem de fácil inserção e compartilhamento no ambiente da cidade. O uso da linguagem escrita aliada à ilustração pretende não só democratizar a compreensão como incentivar a possibilidade de novas concepções.

Na análise do processo e exposição dos resultados da pesquisa, optei em dividir o presente trabalho em dois capítulos. No primeiro, tratei sobre meu percurso acadêmico e artístico anterior à pesquisa, assim como, destaquei algumas referências e fatos que orientaram a proposição “seja subversiva”. No segundo capítulo, abordei os referenciais teóricos e artísticos que foram centrais na investigação, propiciando a reflexão sobre minhas produções no campo das artes visuais, tratando das técnicas, suportes, conceitos e linguagens utilizadas. Ainda na segunda seção do trabalho, apresento os resultados artísticos da pesquisa, frutos da prática da alteridade e subversão, além dos deslocamentos e movimentações pelo país.

1. UM HISTÓRICO E UM MODO DE SER INSURGENTE

Neste capítulo introduzo os atravessamentos que me fizeram chegar até a pesquisa final da minha graduação, no curso de Bacharelado em Artes Visuais, vinculado à Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Conto do meu histórico enquanto comunicadora e artista, da atmosfera subversiva que sempre circundou meus trabalhos e de quais formas artísticas materializaram-se nessa investigação.

1.1 PERCURSOS E ATRAVESSAMENTOS INICIAIS

Por ser filha de uma baiana e um sergipano, com grande parte da família no litoral e morando no interior paulista, desde a infância, viajar para mim era quase trivial. Com a chegada da maturidade, esses deslocamentos se tornaram um pouco menos sobre diversão e adquiriram a austeridade de quando se inicia a entender o mundo e suas dificuldades. Começo a perceber os altos custos e adversidades que minha tia vive ao morar em uma cidade turística, dos inconvenientes e belezas que o bioma do sudoeste da Bahia causa nas plantações da minha avó e influenciam na profissão de garimpeiro do meu avô, além de constatar as grandes monoculturas que motivam a cultura sertaneja típicas do interior de São Paulo.

Em 2017, inicio o trajeto da graduação expandindo meu horizonte ao me mudar para Goiânia, em Goiás. Uma nova cidade, um novo Estado, uma nova região brasileira, uma nova fauna e flora. Essa mudança contribuiu literalmente para que eu tivesse uma nova visão do mundo, pois foram centenas de horas acumuladas em viagens para visitar a família e amigos, nas quais estive atenta às fronteiras e mudanças de paisagem que funcionavam como um portal para uma vida totalmente diferente àquela que tinha quando morava em São José do Rio Preto, em São Paulo. Seja de ônibus, de carona ou dirigindo, a rodovia BR-153 sempre foi o tapete poeticamente estendido entre meu novo e antigo mundo.

Em 2019, frequentei como aluna especial a disciplina de pós-graduação Atos Autobiográficos e Práticas Decoloniais nas Artes Visuais, ministrada pela prof.

Dra. Manoela dos Anjos Afonso, pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da FAV/UFG. Como resultado da proposta, destinada a problematizar e confrontar as colonialidades do ser, do sentir e do saber a partir da prática autobiográfica mediada por um objeto, criei a *Não-Caixa* (Figura 2). Ao refletir sobre a proposta, destaco o seguinte entendimento:

É a partir dessa minha nova distância e toda a experiência obtidas com despedidas que percebi a importância do atravessamento de fronteiras interpessoais e o cultivo do amor no lugar do outro. A partir disso, apresento então a proposta da minha não-caixa, onde trago lembranças com indivíduos que circulam ou já circularam pelo meu espaço, fertilizando minha terra, plantando boas coisas das quais colho frequentemente os mais maravilhosos frutos. É a presença de seus símbolos-memória que modifica o espaço da minha não-caixa e faz com que ela seja o que é. Assim como em minha vida. (CARDOSO, 2019, p.134)

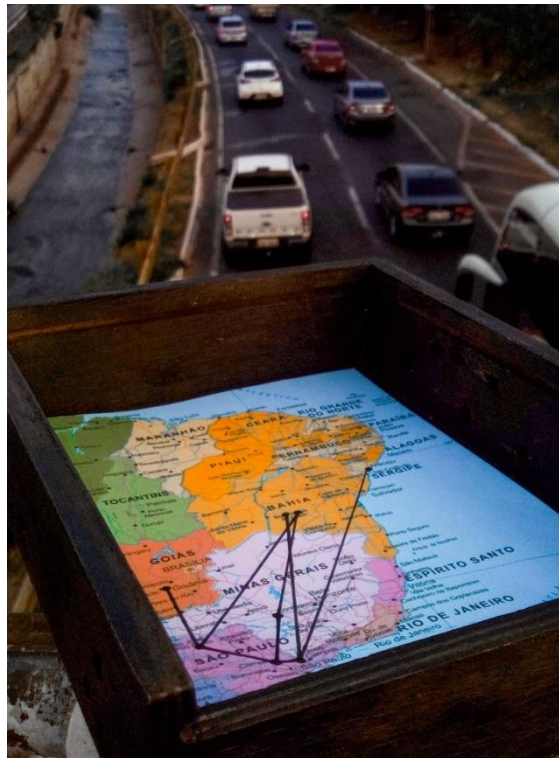


Figura 2 - Alice Castro Cardoso. *Não-Caixa*, 2019. Objetos cotidianos e mapa em caixa de madeira, 24x18x6 cm. Acervo pessoal.

O percurso vivido na FAV/UFG me fez cruzar com experiências e saberes que eu jamais teria acesso caso não estivesse em uma universidade federal. Foram contatos com as mais variadas linguagens, técnicas, exposições, conceituações e fazeres artísticos que se tornaram imprescindíveis para que eu pudesse realizar essa pesquisa. O diálogo que encontrei dentro da UFG, também, me levava para fora da instituição: ao visitar museus, galerias e exposições, ao

socializar com outros membros do circuito cultural e ao atravessar e ser atravessada pela inventividade que a cidade manifesta.

Devido a necessidade de trabalho, na área de design gráfico, escolhi morar na região central de Goiânia. Apesar do privilégio de não morar em outro município ou precisar “cruzar” a cidade, ainda assim, gastava cerca de 50 minutos de deslocamento (com os ônibus municipais) entre minha casa e a FAV (localizada em uma das periferias goianienses). Pela janela do ônibus, geralmente, observava o fervilhar cultural que a cidade emana. No contexto urbano de Goiânia, aqui muito mais que em outros lugares que já estive, a partir dessa época, começo a ter muito mais contato com o lambe e percebê-lo como uma técnica artística e de comunicação extremamente democrática, diversificada e insurgente (Figuras 3 e 4).



Figura 3 - Mural do festival LambesGoia na edição de 2019. Disponível em <https://medium.com/lambe-lambe-brasil/lambesgoia-d7b7589df532>



Figura 4 - Mural na biblioteca da UFG, câmpus samambaia, 2017. Acervo pessoal.

Ficou claro, para mim, que o ir e vir tornava a cidade e suas existências reais. O deslocamento físico sempre me colocou em contato com novos contextos que aproximavam e sensibilizavam com outras formas de vida que existem fora da minha bolha social, expandindo meu horizonte físico e intelectual. Sendo assim, os ires e vires nos espaços urbanos foram indispensáveis para que eu tomasse consciência das particularidades políticas, sociais e ambientais de cada local e, sobretudo, da potência estética e artística do lambe no ambiente urbano.

1.2 SENDO SUBVERSIVA

Minha produção artística, que orienta e é objeto de reflexão nessa pesquisa, tem início no primeiro semestre de 2017. Comecei a grafitar e intervir em diferentes espaços com a frase “seja subversiva”, de maneira intuitiva, sem intenção prévia ou com o objetivo traçado de que esse seria o tema da pesquisa final de curso no Bacharelado em Artes Visuais na FAV/UFG. Com o auxílio de sprays, pincéis e canetas, fiz minhas primeiras intervenções urbanas de forma manual e experimental (Figura 5).



Figura 5 - Intervenção com tinta spray em marquise no Beco da FAV, 2017. Acervo pessoal.

Acredito que o primeiro estímulo para que me envolvesse com a intervenção urbana tenha sido minha primeira graduação em Comunicação Social (habilitação em Publicidade e Propaganda) com a qual percebo a potencial comoção que os meios de comunicação visual urbanos são capazes de criar. Nas palavras de Hertha Silva “a ‘obra’ de arte na atualidade não é mais um objeto para contemplação. E sim um propositor de processos comunicativos.” (SILVA, 2017, p.4180). Me atraio pelo poder de influência que uma mensagem pode ter se bem comunicada. Como publicitária, sei também da importância do canal e do meio para que esse diálogo se dê. Logo, vi a rua que se estende sublime enquanto via acessível e democrática para emissor e receptor. Sobre esse processo de interação com o público, Nestor García relata:

Trata-se de descentralizar o estudo da arte, afastando-o da obra, ou de uma Beleza idealizada, e de passar a analisar a arte como um processo social e comunicacional. Isso equivale a incluir no fenômeno artístico o autor, a obra, os difusores e o público (CANCLINI, 1984, p. 3).

Quando se fala de arte aplicada na rua, a efemeridade surge como o principal empecilho da prática. Excesso de sol, chuvas, projetos de “revitalização” e limpeza dos ambientes públicos ou mesmo alguém que discorda do que foi empregado, são fatores que impedem a durabilidade da proposta. Porém, acredito que o alcance e impacto que a mesma possa ter é indubitável, mesmo se dissipada facilmente. Para além disso, me interessa pelo deslocamento do conceito e da materialidade em arte, circulando por lugares e momentos impremeditados – diversos dos espaços de museus e galerias. Considerando que a expressão “seja subversiva” é como um lembrete, sua existência inesperada e onipresente nas ruas consagra sua própria existência.

Meu segundo grande impulso, que me levou de encontro à arte de rua, foi o trabalho do meu amigo Paulo Henrique, o Sutil. Conheci-o na FAV, enquanto companheiro de turma de Artes Visuais. Em certo momento de 2017 ele me disse que pixação era sobre onipresença no mundo e reivindicação de lugares que são nossos por direito. Sua fala me marcou e foi o estopim para que eu criasse meu codinome e começasse a intervir nas ruas. Sutil me apresentou a pixação,

o estêncil, o canetão *squeeze*¹ e foi essencial para a criação da minha *tag*². Jamais esquecerei seu nome, essa pesquisa é dedicada a ele.

Ainda sobre as influências na minha formação, reverencio aqui todos os artistas de rua goianos que cruzaram meu caminho durante esses anos. Inúmeros, muitas vezes anônimos ou escondidos atrás de assinaturas desafiadoras de se ler. O emocionante fervilhar na cultura do lambe, adesivo e pixo tiveram papel imprescindível na minha produção. Mediante a presença nas ruas aprendi os métodos, as estratégias, os sentidos e as malícias desse produzir que é constante, instigante e diverso, mesmo que, ainda, é injustamente julgado como errado. Ser uma pessoa subversiva é um traço necessário para todas/os as/os vagantes que interferem na estética das ruas.

Certamente, a “escolha tipográfica” estava decidida desde o início pois, além da forte influência pela cultura do pixo, no estilo que adotei, a leitura e a escrita são facilitadas. Sempre me importei que a escrita pudesse ser feita rapidamente, considerando que esta poderia vir a ser uma prática ilegal ou não consensual. É senso comum que as intervenções feitas em lugares públicos devam ser ágeis, sem perder a capacidade de informar. Para tanto, muitos adotam personas ou codinomes para que adquiram uma personalidade, assim demarcando território sem precisar de muito tempo para escrever.

Entre 2017 e 2019 espalhei a frase nas dezenas de novas cidades que visitei entre os estados de Goiás, São Paulo, Distrito Federal, Minas Gerais e Bahia (Figura 6). A partir disso, percebi que “seja subversiva” começou a ser reconhecida por pessoas dos grupos sociais que convivo, alguns sabendo que é de minha autoria, outros não.

¹ Squeeze ou dripper: Caneta em embalagem maleável que permite intenso fluxo de saída de tinta (a base d'água ou óleo), garantindo uma boa cobertura no momento da escrita

² Assinatura escolhida pelo artista que faz intervenção artística urbana e representa seu “nome de rua”



Figura 6 - Intervenção com squeeze de corante líquido na cidade de Lençóis na Bahia, 2021.
Acervo pessoal.

O ano de 2020 se deu de maneira apreensiva e monótona após a abrupta chegada da pandemia por Covid-19. É inegável que diversos tipos de produção foram forçados a viver uma pausa. Em um cenário em que a única regra era ficar em casa para sobreviver, ser subversiva se mostrou desafiador. Porém, com a chegada das primeiras doses da vacina, pude assistir o senso de insubordinação em parte da sociedade que - contra o desejo do presidente do país na época - tomou a injeção, salvando milhões de vidas. Posteriormente, outra importante atitude coletiva de insubordinação ocorreu, quando, em 31 de outubro de 2022, elegemos um novo presidente para o país, o que nos trouxe a esperança e a perspectiva de uma outra realidade sociocultural.

Ainda em 2020, com a imposição do isolamento e a vontade de me exercitar, começo a andar de bicicleta pelo centro de Goiânia e aplicar manualmente a frase “seja subversiva” com o auxílio de um *squeeze* feito em casa (Figura 7). Nesse momento descobri novos lugares “escondidos” pelo Setor Sul de Goiânia, as famosas praças verdes, um significativo patrimônio paisagístico, histórico e ambiental da cidade.



Figura 7 - Intervenção em porcelanato com squeeze de corante líquido no Setor Sul em Goiânia-GO, 2020. Acervo pessoal.

Em 2021 comecei a criar um modelo de adesivo com a expressão “seja subversiva” relacionando-o com cada ano vivido por mim. Minha intenção inicial era colar por lugares que passei durante viagens, como postos de serviço ao longo das rodovias. Porém, descobri um universo de possibilidades para além deste, encontrando uma grande e unida comunidade dos *stickers*. Em Goiânia me deparei com uma grande dificuldade em encontrar gráficas que imprimam em pequenas quantidades (tiragem menor que 500 unidades) no vinil adesivo (material essencial para a durabilidade e manutenção da tinta na impressão). Dessa forma, optei em imprimir em adesivo de papel, na dimensão de 8 x 4,5 centímetros, na cor vermelha (Figura 8). Neste caso, o mesmo teve vida curta e, a depender das variações climáticas, num período de até 6 meses se tornou ilegível e desmanchado.



Figura 8 - Adesivo do ano de 2021 colado em São José do Rio Preto-SP, 2021. Foto por Ana Beatriz de Souza.

Após o aprendizado, em 2022 adquiri duzentas unidades de adesivo em formato redondo, 5 x 5 centímetros, colorido em vermelho com calço branco e impresso em material metalizado com película plástica (BOPP) (Figura 9). Com esse modelo não tive problemas de desgaste e vivenciei boas experiências com diversas pessoas solicitando adesivo para colarem em outras cidades.



Figura 9 - Adesivo do ano de 2022 colado no estádio Antônio Accioly em Goiânia-GO, 2022. Acervo pessoal.

Nesse mesmo ano, me dediquei com maior afinco à técnica do lambe que, até então, praticava com menor compromisso. Encontrei no Lambesgoia (Festival internacional goiano de lambe-lambe) uma oportunidade de me aproximar de outros artistas da área e aprender mais sobre procedimentos nas duas oficinas que a iniciativa proporcionou. Entre os dias 19 de julho e 21 de agosto de 2022, Goiânia recebeu uma exposição na Vila Cultural Cora Coralina (Figura 10), uma oficina de estêncil, oficina de lambe a partir de colagens, além da fixação de vários murais coletivos. Nos workshops pude praticar o uso da frase de formas diferentes das que já me eram usuais (Figuras 11 e 12).

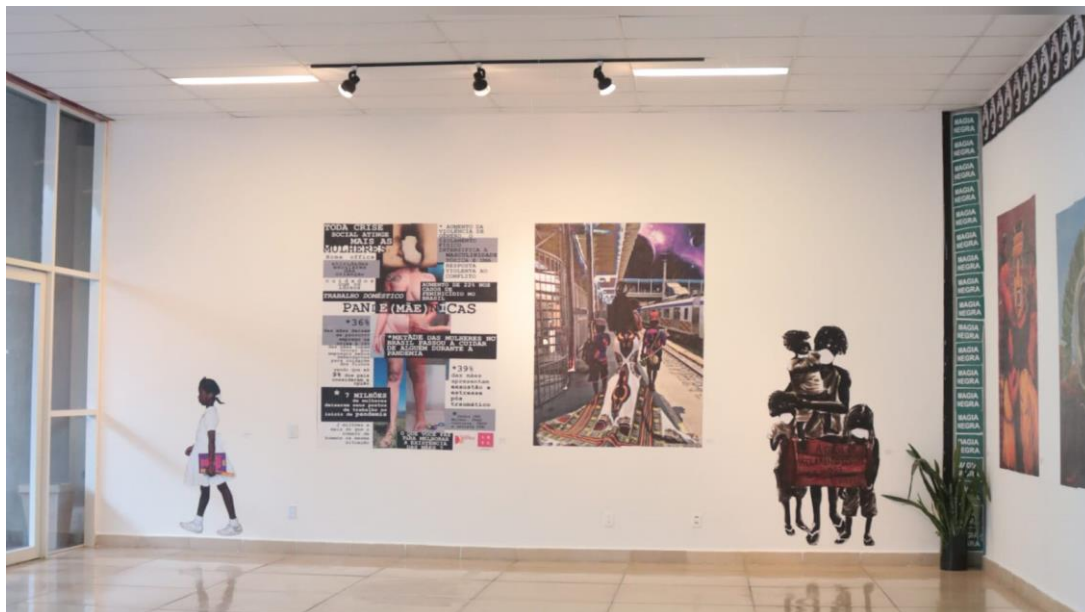


Figura 10 - Foto de parte da exposição Lambesgoia ocorrida na Vila Cultural Cora Coralina, 2022. Disponível em: https://diaonline.ig.com.br/aproveite/cidades/goiania/festival-lambesgoia-em-goiania-tem-colagem-de-mural-coletivo/?utm_source=Aproveite+a+cidade&utm_campaign=diaonline-author.



Figura 11 - Estêncil aplicado na parede do Múquifü Cultural durante oficina do Festival Lambesgoia, 2022. Acervo pessoal.



Figura 12 - Foto do lambe criado durante oficina do Festival Lambesgoia, 2022. Acervo pessoal.

Também em 2022, e a partir das orientações do prof. Marcos Soares, frequentei o ateliê tipográfico da UFG com a intenção de entender no ato analógico o que já praticava enquanto designer gráfico. Conheci o maquinário da antiga Imprensa Universitária, os espaçadores, tipos e matrizes que imprimem desde a década de 1960 (Figura 13). Os conhecimentos aprendidos nas disciplinas de Gravura I e II foram bastante úteis no manejo das prensas e tintas (Figura 14).



Figura 13 - Foto da matriz tipográfica criada no Ateliê Tipográfico da UFG, 2022. Acervo pessoal.



Figura 14 - Impressões realizadas durante pesquisa no Ateliê Tipográfico da UFG, 2022.
Acervo pessoal.

Me interessei em fazer lambes a partir dessas tipografias, porém a meticulosidade do processo impedia que eu conseguisse imprimir grandes quantidades. Para tanto, escaneei a reprodução e com o auxílio dos *softwares Photoshop* e *Illustrator*, respectivamente, transformei a imagem em uma ilustração com qualidade e detalhes suficiente para criação de uma tela serigráfica. A partir do sucesso no experimento, encontrei na serigrafia uma ótima técnica enquanto confluência dos meus conhecimentos como designer, comunicadora e artista.

As visitas ao ateliê tipográfico foram essenciais para que eu pudesse entender meu interesse por texturas e “falhas”. É certo que o advento dos processos digitais tornou possível que as impressões estejam mais próximas do conceito de “perfeição”, retirando qualquer problema ou traço de manualidade e individualidade que as tiragens possam ter. Utilizando-me da serigrafia pude ressignificar essa necessidade e criar modelos que desafiam a percepção da técnica (Figura 15).



Figura 15 - Lambes impressos em serigrafia a partir das impressões tipográficas, 2022. Acervo pessoal.

Desde então pratiquei a frase “seja subversiva” em novos tamanhos, modelos e cores. A partir de outubro de 2022 comecei a aliar escrita com elementos figurativos na intenção de acrescentar significância e reconhecimento às produções. Nessa fase, estreio com a figura do fogo, por considerar um símbolo comumente relacionado à desordem e rebeldia. O trabalho foi impresso em uma ou mais cores, a considerar a superfície em que seria colado (Figura 16). Sua produção foi feita em meio digital com uso de softwares de desenho e edição. A tipografia escolhida foi feita com o auxílio de um pincel similar ao *spray* de tinta, reproduzindo textura à obra.



Figura 16 - Lambe em diversas cores colado em Goiânia - GO, 2023. Acervo pessoal.

Utilizei a mesma imagem para confecção do modelo de adesivo do ano de 2023, adicionando, porém, minha *tag* e ano com fonte semelhante àquelas utilizadas em pixação (Figura 17).



Figura 17 - Adesivo colado em placa em Brasília-DF, 2023. Acervo pessoal.

Ainda sobre a introdução de figuras, criei uma composição com a ilustração de um cacto junto à frase (Figura 18). Como entusiasta das plantas de clima árido, vejo nessa espécie um símbolo de resistência e perseverança, valores que considero essenciais para que as lutas sociais prosperem. Sua capacidade de sobrevivência a situações severas se dá graças à sua própria condição, ou seja, seus espinhos agem como proteção e adicionam subversividade à um sujeito que estaria à mercê da vontade de outros seres vivos.



Figura 18 - Lambe colado em Goiânia-GO, 2023. Acervo pessoal.

Nessa obra me desprendi da possibilidade de criar algo de fácil compreensão. Inspirada nas pixações que via por Goiânia, entendi que para essa situação seria mais significativo contar com o alcance e compreensão de grupos que tem entendimento da linguagem do pixo. Me interessa também aliar minha atração em arte urbana com particularidades do cotidiano, como que para enfatizar que as pessoas podem ser múltiplas: sou mulher, sou “mãe de planta”, sou pixadora, karateca e artista.

Para além da minha pesquisa sobre intervenções artísticas na cidade, me interessa por discutir as narrativas, fazeres culturais e estéticos de outro espaço

de circulação de pessoas: as estradas. Enxergo nas rodovias um importante local em que o movimento gera produção de saberes e que subjetividades são alcançadas somente a partir da imprevisibilidade que a movimentação nos proporciona, dessa forma “mergulha-se em pensamentos sobre circunstância e acaso: saltos no espaço são lançamentos ao risco. E o risco é cinético.” (SOMMER, 2015, p. 10)

Resultado de tais reflexões (que surge durante uma de minhas viagens), em 2022 crio a obra *Reflexiva* (Figura 19). Nessa produção revelei, a partir do negativo de um estêncil, a frase “seja subversiva” em uma fita refletiva, acessório obrigatório em caminhões e veículos utilitários pela resolução 132/2022 do Contran.



Figura 19 - Faixa refletiva com a frase "seja subversiva" impressa em estêncil, 2022. Acervo pessoal.

Iniciei essa investigação aspirando alcançar novas maneiras de praticar a filetagem³, porém, me deparei com a relevância em deslocar a frase para um contexto inesperado, suscitando a pluralidade dos meus interesses. Outro propósito era o de aproximar meu intuito artístico das estradas e motoristas, descobrindo novas formas de ser criativa para além das filetagens e lameiros de caminhões.

³ técnica tradicional ornamental de carrocerias de madeira dos caminhões

Início o ano de 2023 criando mais adesivos, impressos pelas minhas próprias mãos a partir da serigrafia. Todos contando com o conceito da frase “seja subversiva”. Estudei sobre a impressão com tinta vinílica e gravei 2 novas matrizes de adesivos: a primeira como uma simulação de estêncil (Figura 20) e a segunda fazendo referência à trincha usada na colagem dos lambes (Figura 21). Criei os adesivos para serem endereçados a outras localidades (juntamente com os lambes) como prática do projeto final dessa pesquisa – tema que tratarei, posteriormente, neste trabalho.



Figura 20 - Adesivo com a frase "seja subversiva" como simulação de estêncil colado em Goiânia-GO, 2023. Acervo pessoal.



Figura 21 - Adesivo com a frase "seja subversiva" em composição com trincha colado em Goiânia-GO, 2023. Acervo pessoal.

A criação manual de novos materiais tornou a experiência mais pessoal e exclusiva e, a partir dessa perspectiva, percebi mais engajamento com a proposta por parte de amigos e conhecidos. A partir de então, comecei a receber pedidos por *packs* de adesivos para que meus companheiros colassem por onde passam.

Essa nova dimensão fez com que o projeto pertencesse a outras pessoas também, com novos meios de distribuição e presença na urbe, reduzindo meu domínio e criando diferentes significações. Alicerçada na receptividade e acolhimento do público, que agora também é proponente, pude validar meu intento e progredir para a prática do projeto final dessa pesquisa.

2. MEIOS, MALÍCIAS E ESTRATÉGIAS ARTÍSTICAS DE INSUBORDINAÇÃO

Neste capítulo tratarei das maneiras, elementos e referências que utilizei para configurar a noção de subversão enquanto prática artística nesta pesquisa. Acredito que a elucidação do conceito de subversividade, com base na minha vivência, possa agregar significado à experimentação e às possibilidades construtivas e conceituais do trabalho em análise.

2.1 O QUE É SER SUBVERSIVA

Desde o surgimento da frase “seja subversiva” em minha vida, tenho a compreensão no poder desta frase ser auto interpretativa. Creio que o entendimento da frase “seja subversiva” se encaixa diferente em cada contexto e seria muita prepotência da minha parte ter uma expectativa específica de interpretação. Nos próximos parágrafos me esforçarei para compartilhar todas as formas com que já me relatei com a referida frase e o que ela representa para mim.

O teor político-feminista na frase é inquestionável. Assinar a frase com a grafia no feminino denuncia que sou uma mulher ativista por trás da trincha incentivando outras a se juntarem a causa. Nesse sentido, antes da suscitação de qualquer subjetividade que meu trabalho possa causar, desejo discutir questões de gênero pois “a primeira batalha que toda mulher artista tem de enfrentar é a definição da natureza da mulher, por que não é ponto pacífico o fato de que a mulher é um indivíduo ativo, agressivo e criativo.” (CHICAGO apud DEMESA, 2019, p. 53).

Muitas vezes percebo que sofro com limitações ou mesmo restrições da minha aproximação nos eventos culturais apenas por ser mulher. Nesse sentido cito a perspectiva goianiense de intervenção urbana, na qual, durante a mostra de arte urbana, Festival do Beco III, contou com 91 artistas grafiteiros dos quais apenas 6 não eram homens (Figura 22). No mesmo ano, a artista paranaense Bruna Alcântara teve seu mural de lambe vandalizado em menos de 12 horas após colado (Figura 23). É notável que apenas parte da sua obra foi rasgada, local

onde um simbólico bordado suscitava uma vulva, consumando assim o que considero um comportamento de ódio ao gênero.

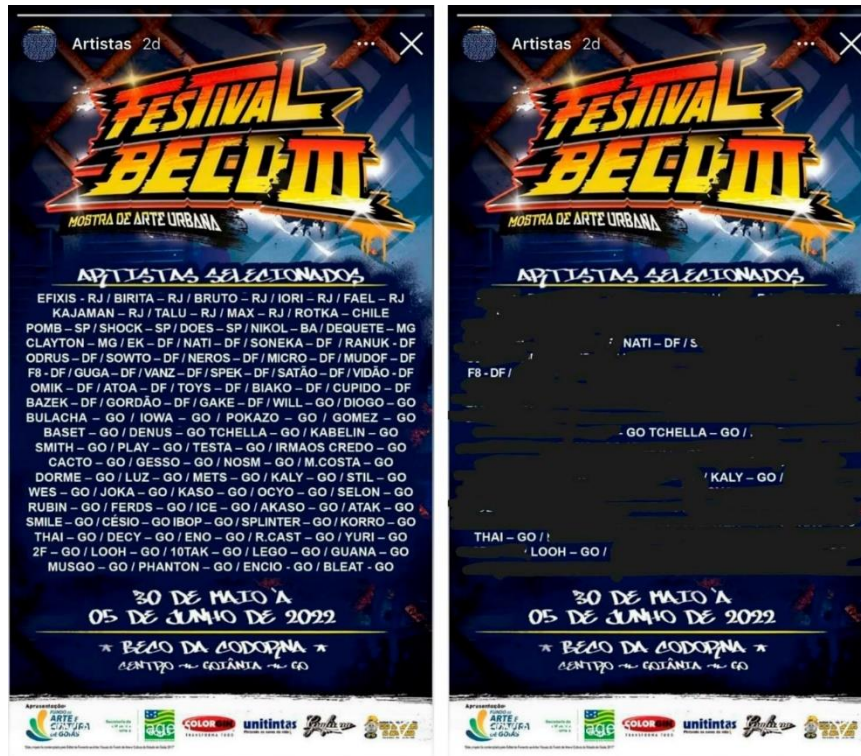


Figura 22 - Montagem com realce dos nomes das artistas mulheres selecionadas para o Festival do Beco, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17946034270894489/>



Figura 23 - Foto do antes e depois do lambe colado por Bruna Alcântara na avenida Tocantins em Goiânia-GO, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2022/07/22/obra-de-arte-e-destruida-menos-de-12-horas-depois-de-ficar-pronta-em-goiania.ghtml>

Retornando à discussão sobre a frase “seja subversiva”, constantemente fiz questão que ela estivesse presente em lugares por onde sempre passava. Essa situação, gerava um sentimento ou um convite à retomada de consciência da minha condição. Era como o alarme de um despertador da minha percepção social, política, coletiva ou pessoal. Tal afirmativa, funciona como um lembrete para não se deixar cumprir as infinitas regras que nos são impostas diariamente, sem antes pensar se determinadas condições nos cabem ou fazem algum sentido em nossa vida. Leio e tenho nessa frase a concepção e expressão da verdadeira autonomia. Segundo o artista C2015, está na intervenção urbana “uma das últimas oportunidades para a autoexpressão em uma sociedade que está sempre tentando controlar a mente das pessoas e privando-as da liberdade real” (CARLSSON; LOUIE, 2012, p. 55).

Dessa maneira, também, entendo que previamente se faz necessário que eu compreenda quais princípios morais e éticos irão me reger, para que possa estar confiante em minhas escolhas e confortável ao não cumprir o que outros podem esperar de mim. Assim, é como “jogar com minhas próprias regras” nesse desafio que é a vida e afirmar os princípios em que acredito.

Em algumas situações nos vemos obrigadas/os a cumprir criteriosas regras para conseguir algo que consideramos necessário, como nas instituições de ensino, por exemplo. Ser subversiva, também, pode estar na resignificação ou reinvenção de situações em que estamos inseridas, para que o processo não seja tão tortuoso. Não precisamos encarar certas diretrizes como um ataque pessoal ou impeditivo de estarmos em certos lugares. Se faz interessante nos adaptarmos, na medida do possível, a tais regras, para que possamos entrar em certos espaços e, posteriormente, sermos sujeitos de transformação desses lugares para que aqueles que cheguem depois desfrutem da mudança.

Enquanto mulher sinto diariamente o peso da socialização feminina em tudo que faço, principalmente quando relacionado à outra pessoa. É um sentimento de dever algo a alguém ou, ao contrário, estarei errada. Combater esse sentimento é uma tarefa diária que envolve corpo e mente trabalhando para conseguir executar coisas e não me sentir culpada. Esse exercício se torna ainda mais excruciante quando assumimos uma postura e personalidade alternativa à docilidade e à fragilidade. Nesse sentido, colar e escrever a frase “seja

subversiva” é demonstrar apoio a todas as pessoas que sofrem com a sensação de estarem erradas por não cumprir com a amabilidade que esperam de nós.

“Sentir raiva é um ótimo lugar para começar” (tradução nossa) (Figura 24). A frase do grupo de ativistas anônimas que lutam para expor preconceitos étnicos e de gênero nos circuitos da arte, as Guerrilla Girls, surgiu como uma ótima provocação para meus trabalhos em 2018. Suas obras com recados de teor feminista, curtos e sem rodeios, com linguagem gráfica muito próxima àquela utilizada na publicidade e que garantem o entendimento imediato da mensagem desejada, se tornaram uma incontestável referência para meu trabalho. Assim como elas, me interessa transformar esse e outros similares e intensos sentimentos em energia de criação e mudança de percepção do cenário.



Figura 24 - Pôster ofertado pelas Guerrilla Girls para sua entrevista ao Augustana College, 2017. Disponível em: <https://www.rcreader.com/art/guerrilla-girls-being-angry-is-a-great-place-to-start>

Tópico também importante no trabalho das Guerrilla Girls são os contextos em que se dão suas ações. Segundo documento em que relatam sua história, as artistas iniciam suas operações em 1985 com a colagem de cartazes nos subúrbios de Londres (Figura 25). O fazer anônimo, sob máscaras de gorilas, aliado à intervenção urbana, salientam o movimento em que a mensagem e o

receptor são mais importantes que o artista ou o espaço expositivo, características que tento espelhar em meus processos.



Figura 25 - Foto das Guerrilla Girls durante processo de colagem de pôsteres em Londres, 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/guerrilla-girls-no-brasil-masp/>

Acredito também que o próprio ambiente que uso para me expressar é um recurso insubordinado. Em *Elogio aos Errantes*, Paola Berenstein Jacques (2012), discorre sobre a experiência da percepção do outro resultante das errâncias e expedições em ambientes urbanos. Segundo Jacques, tais errâncias “reafirmam a enorme potência da vida coletiva, uma complexidade e multiplicidade de sentidos que confronta qualquer ‘pensamento único’ ou consensual” (JACQUES, 2012, p. 20). Dessa forma, enxergo nas intervenções artísticas com adesivo ou lambe vestígios da resistência de grupos que se interessam em manter a cidade viva e expressiva em sua dimensão coletiva e diversificada. Entendo suas ações e seus trajetos como potentes desestabilizadores das práticas sociais homogeneizadoras.

Esses grupos de pessoas que ocupam e modificam o espaço, resistindo à diluição da vivência urbana e, dessa forma, valorizam a alteridade nesses locais, são chamados por Paola de errantes. “O errante não vê a cidade somente de cima, a partir da visão de um mapa, mas a experimenta de dentro; ele inventa sua própria cartografia a partir de sua experiência itinerante.” (JACQUES, 2012, p. 23). Ela os entende como indivíduos que fruem intensamente da experiência urbana apoiada no momento que reconhece a existência de um processo de

esterilização da experiência das cidades a partir dos discursos sanitaristas de pacificação, gentrificação e “revitalização” dos espaços ocupados por grupos periféricos.

Essa postura crítica e propositiva com relação à apreensão e compreensão da cidade, por si só, já constitui uma forma de resistência tanto aos métodos mais difundidos da disciplina urbanística quanto ao próprio processo de esterilização da experiência, de espetacularização das cidades contemporâneas e de pacificação de seus espaços públicos. (JACQUES, 2012, p. 24)

Fundamentada nessa ideia, penso nas intervenções artísticas enquanto narrativas e formas de transmissão e continuidade dessas experiências urbanas. Ao colar um lambe, com um conceito estético alusivo à subversão, transfiro um pouco da minha vivência e história na forma de um papel impresso para aqueles que querem ver e vivenciar aquilo. Qualquer experiência que meu lambe causar no indivíduo, é continuidade do meu processo e início de um novo, e pode ser canalizado pela rua de um espaço urbano.

Distanciar-se dos espaços canônicos de produção artística, os tradicionais ateliês, é subverter a lógica operacional da necessidade de consentimento e aclamação pelos pares do circuito consagrado, assim “o artista movente-errante é [...] o proponente e/ou receptor de ações de dissenso e crítica que escapam de situações de confinamento e excessos de mediações” (SOMMER, 2015, p. 10).

Ao intervir com minha arte, marco os locais como meus (também) e crio um lembrete para que todas as pessoas se recordem que o lugar onde vivemos é de todas/os: passei por ali, vivi e experienciei uma situação singular. De acordo com o artista SNUB23, ocupar a rua “é uma questão de liberdade. As ruas pertencem a todos nós – a você, a mim. Todos temos o direito de decorá-las da maneira que quisermos.” (CARLSSON; LOUIE, 2012, p. 57).

2.2 MATERIAIS DE INSUBORDINAÇÃO

Nos próximos parágrafos descrevo em detalhes as técnicas e suportes utilizados durante a pesquisa artística desse projeto. São estes os materiais e formas que consagram e agregam em meu processo de insubmissão.

2.2.1 Técnicas

2.2.1.1 O estêncil

“As raízes da pintura em estêncil podem ser encontradas no Egito e na China, mas sua forma moderna foi usada principalmente para propaganda política. As revoltas de 1968 em Paris, a revolução sandinista na década de 1970 na Nicarágua e o movimento antiapartheid na África do Sul são alguns exemplos.” (CARLSSON; LOUIE, 2010, p. 41).

É imprescindível que eu cite Banksy como minha maior referência e estímulo ao estêncil pois, a inventividade de seu trabalho é inigualável. Para além da criatividade, seu espírito subversivo me traz grande admiração. Me conecto com seu ideal de tornar as ruas mais prazerosas de se estar quando em seu livro, *Banksy Wall and Piece*, o artista fala sobre como “algumas pessoas se tornam policiais pois querem tornar o mundo um lugar melhor, outras se tornam vândalos pois querem tornar o mundo um lugar melhor de se ver” (BANKSY, 2006, p. 8).

Antes de iniciar essa pesquisa, entendia o estêncil apenas como forma de impressão diretamente na parede. Mas é importante frisar como a técnica pode ser utilizada enquanto meio de gravação em qualquer superfície que possa ser colada posteriormente, como o lambe. Para além disso, os estênceis são reutilizáveis, se tornando ótimas matrizes para trabalhar.

Durante a oficina de lambe ofertada pelo Festival Lambesgoia, no ano de 2022, aprendi sugestões que podem melhorar imensamente no processo prático de produção e impressão com esta técnica. O artista e ministrante da oficina, Diogo Rustoff, nos ensinou que não é necessário que sejamos exímios desenhistas para criar um estêncil. Ao sobrepor uma folha de acetato sobre uma foto, podemos desenhar os traços mais relevantes com caneta permanente e, em

seguida, reproduzir a imagem em um papel com o auxílio de um retroprojektor (Figura 26).



Figura 26 - Foto tirada durante o processo de transposição da imagem para maior escala, 2022. Acervo pessoal.

Com os contornos desenhados, se inicia a etapa de corte com estilete. Rustoff nos indicou também como criar detalhes “flutuantes” sem a necessidade das pontes na composição: a colagem de um tecido de filó na parte posterior do papel traz sustentação para os detalhes e garante maior resistência ao estêncil (Figuras 27, 28 e 29).

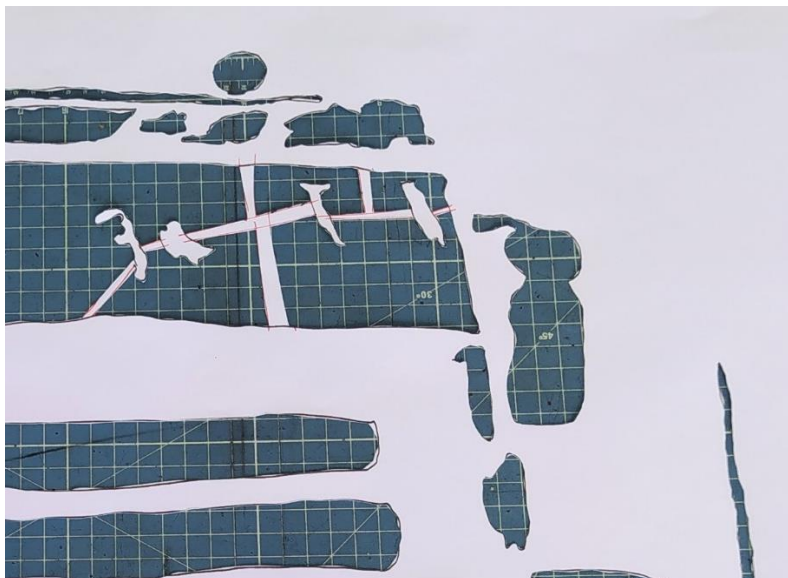


Figura 27 - Detalhe do estêncil ainda com as pontes para impressão de detalhes, 2022. Acervo pessoal.



Figura 28 - Detalhe do estêncil após colagem do filó para sustentação dos detalhes flutuantes, 2022. Acervo pessoal.



Figura 29 - Impressão finalizada do estêncil em papel jornal, 2022. Acervo pessoal.

No decorrer da investigação sobre estênceis, também conheci a possibilidade do corte mecânico na matriz. Tive a oportunidade de experimentar o procedimento ao fazer uso de uma *ScannCut*: máquina de recorte caseiro

comumente utilizada por decoradoras/es de festas. Para utilizá-la é necessário que o desenho dos contornos seja feito em *software* específico, muito parecido com o *Illustrator*, e enviado por *wi-fi* para o aparelho. Após configurar a espessura da lâmina e pressão de corte (a depender do material a ser cortado) a máquina recorta em segundos a figura desejada. Sua única desvantagem pode ser a limitação de tamanho, pois a máquina só corta superfícies de até 61 x 30,5 centímetros. Porém, essa limitação pode ser facilmente contornada ao se dividir uma grande figura em várias menores e, em seguida, uni-las novamente.

2.2.1.2 A serigrafia

Iniciei meus estudos com serigrafia a partir do segundo semestre de 2018, ao me matricular em uma disciplina optativa de Processos Complementares em Gravura, ministrada pelo professor Helder Amorim, na Faculdade de Artes Visuais da UFG. Naqueles dias compreendi os recursos e maneiras para se gravar e imprimir uma tela em superfície de pano ou papel.

Posteriormente, em 2022, descobri na serigrafia a técnica ideal para confecção dos lambes, com a proposição “seja subversiva”. Seja pela acessibilidade dos valores para imprimir, pela possibilidade da execução caseira dos processos ou por poder utilizar meus conhecimentos em vetorização digital para gravação das telas, o *silk-screen* se tornou minha técnica favorita.

No processo de criação das matrizes, utilizei chassis de madeira de variadas dimensões, sendo o menor com mancha de impressão de 21 x 30 centímetros e o maior com mancha de 42 x 60 centímetros. Neles estiquei tecido de uso técnico em poliéster 100 fios com o auxílio de grampos. Nessa tela espalhei, em uma fina camada, a emulsão preparada com tinta serifoto e sensibilizante serifoto bicromato, misturado em uma proporção de 10:1, respectivamente. Após isso, a tela deve ser deixada em ambiente totalmente escuro para secagem, que demora em torno de 30 minutos. Para revelação da tela, após secagem, devemos posicionar a figura desejada, impressa em papel vegetal ou acetato, em uma mesa de luz. Colocamos a tela recém seca em contato com a imagem, cobrimos a tela com um pano escuro e ligamos as luzes da mesa. Depois de um

minuto e meio sob a luz, levamos a tela para lavagem sob pressão com água até que a figura se revele. É extremamente necessário que durante todo o processo o ambiente esteja escuro, para que não haja reação da emulsão.

Para impressão dos lambes utilizei a tinta à base d'água, mais conhecida como *hidrocryl*. Sua cobertura é excelente, sendo o pigmento mais fino e leve que encontrei, o que auxilia muito no momento da colagem. Após a aplicação de uma camada de cola por cima do lambe, a tinta se provou muito duradoura à chuva e sol, tendo tido resistência comprovada, até agora, durante doze meses.

Uma grande percepção durante o processo foi ter identificado a possibilidade de imprimir adesivos a partir da serigrafia. Para tanto, o processo e os materiais para gravação da tela são os mesmos, porém, a reprodução é feita com tinta vinílica, sendo essa a base de resina PVC, solvente e pigmentos. Comparada à *hidrocryl*, sua textura é mais aveludada e com rendimento similar. Para a limpeza dos materiais e telas, após a gravação, é necessário solvente específico, que deve ser utilizado em ambientes com boa ventilação e máscaras respiratórias.

2.2.1.3 Escrita manual

“O grafitti é um espaço de berro, de grito e afirmação. É um espaço de fala, mas não é bem um diálogo. Exatamente porque ainda não existe espaço para o diálogo. Nosso problema é esse: nós não conseguimos construir ainda uma organização da nossa sociedade em que o diálogo tenha um papel estruturante. Nossas regras são construídas por poucos, para poucos. Não incluem a maioria e suas demandas nas suas diversidades. Tem sempre uma tensão colocada. E quem fica de fora, excluído dessa ordem, está berrando. Tem várias formas de dar o berro, e uma delas é o grafitti.” (BEDOIAN; MENEZES, 2008, p.33)

Grande parte das inserções da frase “seja subversiva” em contexto urbano foram feitas manualmente por mim. Nessas, fiz uso de *sprays*, canetas a base de óleo (tipo posca), canetões permanentes, giz de cera, *drippers* caseiros e manufaturados e pincéis. Essas técnicas e sua infinidade de ferramentas permitem que qualquer espaço seja marcado.

Graças a sua tinta abundante e ponta maleável, os *drippers* ou *squeezes*² caseiros são os pincéis de maior adaptabilidade e, conseqüentemente, melhor aderência à superfície. Para manufaturá-lo é necessário um corante líquido usado para tingir tintas à base d'água e uma esponja de espuma para lavar louças. Corte a esponja no formato desejado (recomendo 1x1 centímetro) e

insira na abertura previamente expandida do tubo de corante (Figura 30). A caneta funcionará como os *drippers* e canetas marcadoras a base de óleo ou água vendidos em lojas especializadas. O resultado é uma escrita resistente, com cor vibrante e variada e custo reduzido. Alguns artistas, como o sueco Prao, utilizam o mesmo tipo de invólucro para aplicação, porém criam suas próprias tintas orgânicas a partir de frutas ou legumes como mirtilo, amoras, beterraba, etc.



Materiais necessários:
corante líquido e esponja cortada



Bico do corante após ser cortado
para expandir sua abertura



Bico após a inserção da esponja
cortada em sua abertura



Squeeze/dripper caseiro pronto

Figura 30 - Passo a passo da manufatura do squeeze caseiro, 2023. Acervo pessoal.

A escrita manual é eficiente em situações não esperadas, em que não se sabe melhores cores ou dimensões para já chegar com algo pronto. Dessa forma, a escrita pode ser adaptada na hora para a melhor condição.

2.2.2 Suportes utilizados

2.2.2.1 O adesivo

A facilidade de fixação e reprodução, aliada à comodidade no transporte, faz com que os adesivos sejam um dos meios preferidos nas intervenções urbanas artísticas. As possibilidades são imensas para suporte de impressão, cores, efeitos, formatos e tamanhos. Os valores podem ser acessíveis e, o melhor de tudo, ficam mais baratos quanto maior a quantidade.

Ao adentrar mais profundamente na pesquisa, descobri que a troca de adesivos é uma prática corriqueira, tanto para pessoas que se interessam pontualmente por essas propostas, como para aqueles que se dedicam à essa prática de criação artística. Destaco então a importância da coletividade dentro desses grupos que se mantêm vivos e, principalmente, em movimento a partir do suporte uns dos outros.

Nas redes sociais encontrei perfis de pessoas e coletivos que se dedicam continuamente à colagem: seja exibindo lugares por onde já se fixaram, mostrando trocas com outros grupos importantes e se dispondo a mais câmbios. Apesar da dificuldade de contato, fui muito feliz ao encontrar diversos coletivos de coladoras apenas com mulheres, que se associam e se interessam na troca interna dos adesivos e lambes. Dentre esses coletivos, que mantêm presença constante nas regiões por onde passam, destacam-se: Cola Velcro, Lambe La, Lambe Mais Oprime Menos, Lambe das Manas, Me Lambe Lambe e Coletivo Manguelambe.

Um dos momentos mais interessantes da minha pesquisa foi quando descobri a possibilidade da confecção dos adesivos manualmente, sem precisar terceirizar a impressão. O processo se dá a partir da elaboração da tela de serigrafia que, posteriormente, pode ser gravada com tinta vinílica em material adesivo. A folha colante pode ser o vinil, BOPP, papel adesivo ou, a mais comumente usada (por ser mais acessível), papel *contact*. O pigmento vinílico garante maior resistência da impressão, além de assegurar a flexibilidade que o adesivo costuma ter. É importante afirmar que essa técnica possibilita gravações em uma ou mais cores, podendo ter fundo colorido ou transparente (Figura 31).



Figura 31 - Foto do adesivo impresso em vinil transparente, em detalhes, 2023. Acervo pessoal.

2.2.2.2 O lambe

Outra técnica usual de intervenção urbana é o lambe, com a qual cola-se cartazes com mensagens e/ou figuras em superfícies com o auxílio de uma cola específica. A goma pode ser preparada a partir da mistura de cola branca pva e água ou a partir do cozimento com alguns tipos de farinha, como a de trigo, em água.

Encontrei no lambe, enquanto meio de expressão, um suporte que permite minha preparação prévia ao momento de estar nas ruas. Essa elaboração antecipada garante que eu me assegure que o cartaz esteja compreensível e a colagem possa ser feita em superfície ideal. Apesar dos cuidados, o lambe pode ser facilmente removido com ou sem o auxílio de ferramentas, como visto anteriormente, com o caso da artista Bruna Alcântara, em Goiânia.

No livro *Street Art*, os autores Benke Carlsson e Hop Louie (2010) chamam o que denomino lambe como pôster. Sobre o suporte escrevem “O pôster é uma forma bem estabelecida de comunicação e já que, mais cedo ou mais tarde, o papel será decomposto, temos a impressão de que colar um pôster sem

autorização prévia é um ato menos ilegal” (CARLSSON e LOUIE, 2010, p. 11). Apesar do teor intolerado que o lambe carrega por estar presente diretamente nas ruas, percebe-se um bom movimento em direção ao enaltecimento e conservação da técnica nos circuitos artísticos. Como visto anteriormente, contamos com exposição da equipe independente Lambes Brasil na Vila Cultural Cora Coralina em Goiânia, passo que reafirma o lambe enquanto um modo legítimo de criação artística.

Situado nesse contexto, a dificuldade na validação da técnica do lambe se tornou o combustível para criatividade e imaginação artística. Entendo que ser subversiva, utilizando de intervenções artísticas, condiz com a ação transformadora em relação à realidade instituída. Nesse sentido, a escolha do lambe enquanto suporte é uma decisão insurgente, ao entendermos este como um meio pouco compreendido ou não-categorizado, que, ambigualmente, pode ser facilmente confundido com publicidade ou uma produção ilícita. Durante a exposição do Festival Lambesgoia de 2022, a equipe da Lambes Brasil se manifestou no texto curatorial do seguinte modo:

Esse murro-em-ponta-de-faca, que é um papel em uma parede, significa muito mais quando achamos esse espaço dentro de uma galeria, de um cubo branco, podemos questionar como o espaço da arte ainda reprime, se fecha, para uma arte urbana que carrega em si resistências e vivências em prol da própria arte? Do próprio fazer artístico? ⁴

Apesar das problemáticas, encontrei no universo do lambe pessoas comprometidas em difundir e enaltecer a técnica. Nesse processo de trocas, aprendi dicas que facilitam desde o procedimento de criação até a colagem. Uma dessas é sobre a folha a ser utilizada, ocasião em que entendi minha preferência por papel vegetal devido à sua quase transparência e finura. Suas características garantem uma colagem mais fácil, com menor quantidade de cola e, com o tempo, percebe-se que a parte do papel que não está impressa se “camufla” à superfície em que está afixada (Figura 32).

⁴ Texto fornecido pelo cartaz da entrada da exposição, que não contou com catálogo.



Figura 32 - Foto do lambe após alguns dias, 2022. Acervo pessoal.

Se faz importante ressaltar que os métodos e materiais utilizados variam entre as/os artistas, tendo cada uma/um a sua preferência conforme suas intenções. No meu caso, utilizo uma mistura de cola com água na proporção de 1:1, espalhando a mesma primeiramente na superfície, seguida da afixação do papel e posteriormente aplicando mais uma camada de cola por cima, que funcionará como um verniz.

Por fim, destaco a importância que os acessos aos ateliês da Faculdade de Artes Visuais tiveram para que meu trabalho prosperasse. Sem essa aproximação, grande parte da pesquisa artística poderia não ter sido feita e diversas descobertas não teriam sido alcançadas. Saliento a relevância da faculdade pública enquanto canalizadora de novos conhecimentos e trocas, além de provedora de um acesso muitas vezes tão complicado a certos bens de consumo e experiências.

2.3 SUBVERSÃO COMPARTILHADA

Confiante na potencialidade das trocas, da construção de saberes e transformação coletiva, convidei 14 pessoas, de 13 Estados diferentes, para

receber e intervir com os meus lambes e adesivos, propiciando que a frase “seja subversiva” fosse espalhada por algumas regiões do Brasil. Em relação à essas pessoas, me coloquei também à disposição para receber quaisquer materiais artísticos que as mesmas quisessem ter colado em Goiânia.

A princípio, tinha como intenção realizar essas trocas apenas com artistas visuais urbanos que colassem lambes e se identificassem como mulher. Para tanto, entrei em contato com todes que eu já conhecia, seguia e se encaixavam nessas condições, a partir de redes sociais como *Instagram*, *Facebook* e *Twitter*. Infelizmente obtive apenas duas respostas positivas para participar do projeto, apesar das mais de 20 mensagens com convite para pessoas diferentes.

A partir dessa perspectiva, mudei minha estratégia e procurei por pessoas conhecidas e amigos, independente da identidade de gênero ou atuação artística, que aceitassem colar em cidades situadas em diferentes Estados, de modo a abranger todas as regiões do Brasil. Sendo assim, enfrentei um novo desafio ao me deparar com pessoas que não conheciam o lambe. Dessa forma, precisei me dedicar e produzir mais adesivos, pois são mais fáceis de serem aceitos e colados (Figura 33). Também senti a necessidade de criar um manual de lambe-lambe para enviar àqueles que se interessassem em colar mesmo sem conhecer a técnica (Figura 34).



Figura 33 - Fotos dos adesivos criados para a prática artística dessa pesquisa, 2023. Acervo pessoal.

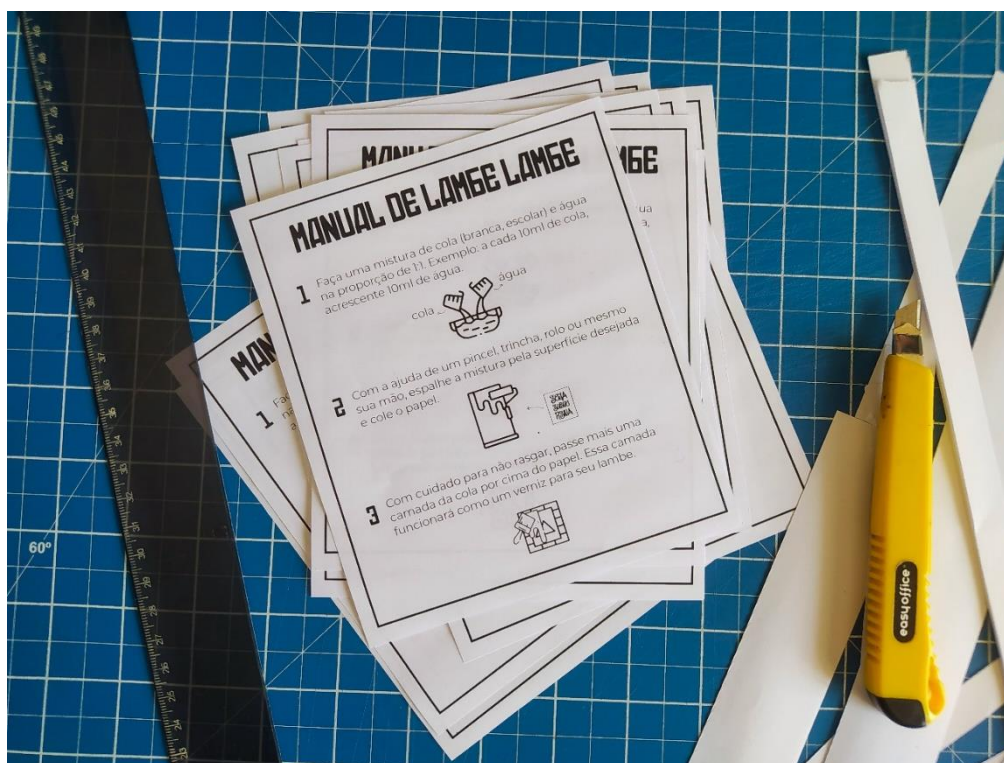


Figura 34 - Foto do manual de lambe criado para envio junto aos adesivos e lambes, 2023. Acervo pessoal.

Para algumas pessoas tive a oportunidade de entregar meus materiais pessoalmente, para outras enviei o material via Correios. Dessa maneira, em 9 de janeiro de 2023 enviei 11 envelopes pelos Correios contendo lambes,

adesivos, um recado escrito a mão e o manual de lambe-lambe (Figura 35). Os estados contemplados foram Rondônia, Amazonas, Pará, Alagoas, Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul.

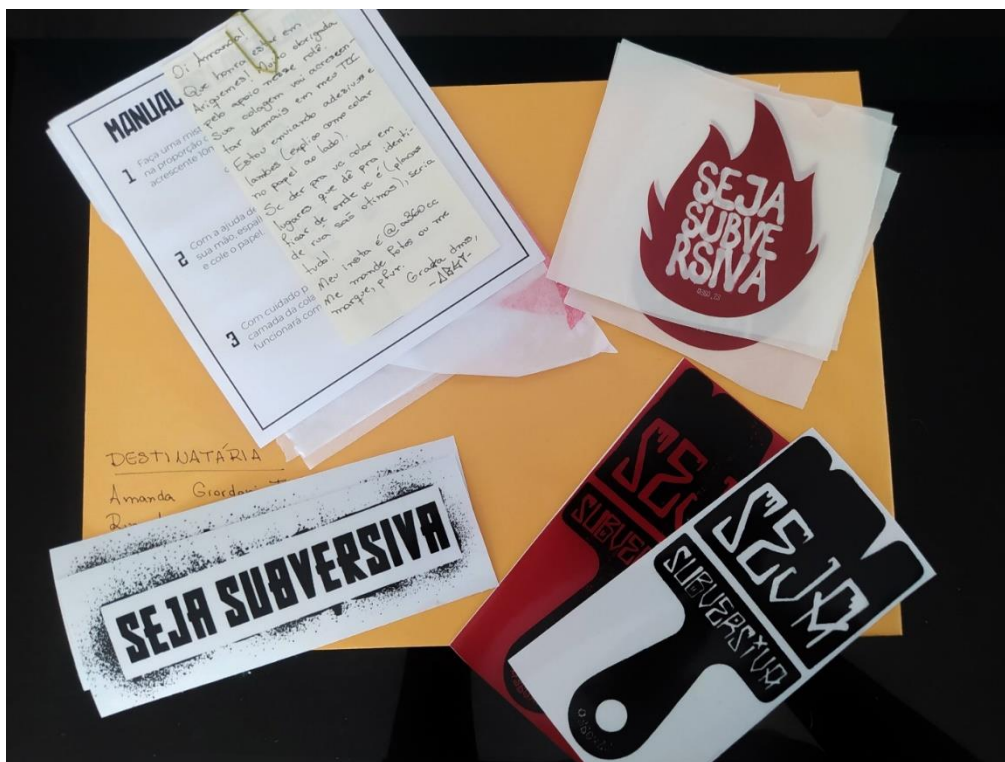


Figura 35 - Detalhe de uma das cartas, 2023. Acervo pessoal.

Dessa forma, a obra se dá não como um produto finalizado, mas como um processo que criador, participante do projeto e público lidam em conjunto. Encaro como um processo contínuo, vivo e em constante desenvolvimento que não finda na colagem das obras, mas, ainda melhor, se inicia em cada etapa que percorre.

Em 20 de janeiro de 2023, as postagens que enviei começam a chegar em seus destinos e a partir de então os participantes do projeto iniciam o processo de colagem e envio das fotos para mim. Nessa etapa, percebo o afeto e cuidado que cada uma das pessoas dispõe nesse processo, mesmo que, em muitas vezes, não me conheçam. Todos se mostraram felizes em receber minhas obras e se dispuseram em encontrar os melhores lugares para colar (Figuras 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43 e 44).



Figura 36 - Adesivo em Vitória - ES em colaboração com Costa, 2023. Acervo pessoal.



Figura 37 - Adesivo em Rondonópolis - MT em colaboração com Norri's, 2023. Acervo pessoal.

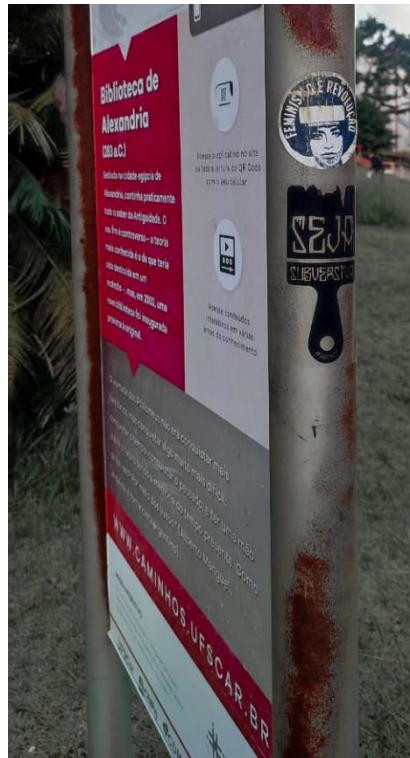


Figura 38 - Adesivo colado na UFSCAR, em São Carlos - SP, em colaboração com Brito, 2023. Acervo pessoal.



Figura 39 - Adesivo colado em Porto Alegre - RS em colaboração com Ivan, 2023. Acervo pessoal.



Figura 40 - Adesivo colado em Sanclerlândia - GO em colaboração com Susu, 2022. Acervo pessoal.



Figura 41 - Adesivo colado em Uberlândia - MG em colaboração com Poldo, 2023. Acervo pessoal.



Figura 42 - Adesivo colado no Rio de Janeiro - RJ em colaboração com Cast, 2023. Acervo pessoal.



Figura 43 - Lambes colados em Brasília - DF em colaboração com 81, 2022. Acervo pessoal.



Figura 44 - Adesivo colado em Manaus - AM em colaboração com Karen, 2023. Acervo pessoal.

Ao receber as fotos do adesivo em lugares tão diversos do Brasil, percebo que criei novas formas de relação com as/os companheiras/os que colaboraram nesse trabalho. Além disso, constatei a conexão e o compartilhamento de ideais e convicções que ultrapassam as individualidades. Algumas pessoas, mesmo que não fossem artistas de intervenção pública, acolheram a ideia e, posteriormente, descreveram ter sentido tamanha identificação com o processo que iniciaram seus próprios projetos visuais.

Dessa maneira, percebo que a atuação da intervenção artística urbana alimenta um processo de autorreprodução, na qual, a inserção – parte mais significativa do processo – é estímulo para novos artistas. Consciente do encadeamento contínuo dessa pesquisa, decidi por criar um perfil na rede social *Instagram* para postagem das fotos e novas interações com outros contatos. As ações e experiências vivenciadas nesse processo podem ser acompanhadas em [instagram.com/sejasubversiva](https://www.instagram.com/sejasubversiva)

SEJA SUBVERSIVA: CONSIDERAÇÕES FINAIS EM PROCESSO

Nesse projeto entendo o conceito de alteridade como a percepção que um ser humano tem do outro, sua existência, identidade e individualidade a partir da presença desses dois (ou mais) em ambientes urbanos. Acredito na cidade como cerne da experiência e a experiência como forma de perpetrar uma vida pública.

Considero que uma das formas de consumir a experiência de alteridade urbana, difundida por Paola Berenstein (2012), é a partir da prática da intervenção artística nas cidades. Creio que o olhar de um artista urbano percebe detalhes que comumente não são percebidos: uma nova *tag* onde antes não havia, uma placa onde seu adesivo faria sentido, um pixo numa altura incomum aos olhos ou algum lugar abandonado que seria ótimo de pintar. Tais percepções só são possíveis graças a um olhar atento e um estado de presença de quem vive a cidade. Conforme afirma a referida autora:

Assim, as narrativas urbanas resultantes dessas experiências realizadas pelos errantes, sua forma de transmissão e compartilhamento, podem operar como potente desestabilizador de algumas das partilhas hegemônicas do sensível (JACQUES, 2012, p.11).

Acredito no potencial construtivo e destrutivo das subjetividades a partir do fazer artístico em espaços de passagem. Considerando “o movimento o *modus operandi* da cidade contemporânea” (SILVA, 2017, p.4178), é durante a prática artística que existe a pausa, a ruptura da movimentação e o respiro para contemplação. A manufatura surge enquanto subversividade da prática hegemônica de empobrecimento da experiência urbana.

Considerando que a presença nas ruas, em forma de arte, é o que reafirma o propósito e o existir desses indivíduos artistas, considero como um dos maiores símbolos de alteridade no circuito da arte urbana, o respeito pelo espaço já ocupado por alguém. Se faz regra nas ruas que não se pixa, grafita, cola ou pinta por cima de superfície já ocupada por outro artista. Muitas vezes, nos sentimos íntimos de pessoas apenas por suas marcas. Talvez nunca a tenhamos visto pessoalmente, mas, de qualquer maneira, o apreço e cortesia são sempre os mesmos.

Identifico no momento da colagem/escrita a ocasião em que a motivação para tal chega em seu ápice, um apogeu subversivo. É durante aquele instante que o artista revela a si, sua obra e, o mais importante, suas convicções. Se manifestar é estar em constante julgamento, como provocado pelo artista Froid, “fazer arte é fácil, quero ver você se expor” (*Eram os Deuses Astronautas*, 2015). Ao nos expormos nas ruas, sem contexto ou preparação do receptor, intensificamos ainda mais o veredicto. Porém, acredito no poder libertador, comovente e revolucionário que esse fazer possa ter pois, foi a partir do exemplo de outras/os que comecei a produzir e, após esse processo, percebo que também inspirei outras pessoas.

Portanto, encontrei no conceito de “seja subversiva” um espaço de constante reafirmação da minha existência. A partir dela tenho convicção de quem eu sou, no que acredito, minhas vontades e desejos, minhas objeções e princípios. Espalhando essa frase permaneço conectada à minha essência e de acordo com minhas verdades, estando atenta a tudo que tenta apagar meu existir ou arrebatá-lo o que pode ser meu. E assim, com o apoio da intervenção urbana e confiante que tudo ao povo pertence, entrego ao mundo um convite a ser subversiva.

REFERÊNCIAS

BANKSY. *Wall and Piece*. Londres: Century, 2006.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 25 mar. 2022.

BEDOIAN, Graziela; MENEZES, Kátia. **Por trás dos muros: horizontes sociais do graffiti**. São Paulo: Peirópolis, 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. **A socialização da Arte**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1984.

CARLSSON, Benke; LOUIE, Hop. **Street Art**: Técnicas e materiais para arte urbana. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

DEMESA, Itandehuy Castañeda. **Abordagens das práticas comunitárias em espaços públicos por meio da poesia têxtil**. Tese (Mestrado em Arte e Cultura Visual) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, p. 172, 2019.

D'ANGELO, Helô. Grupo anônimo que denuncia machismo na arte, Guerrilla Girls traz performance ao Masp. **Revista Cult**, 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/guerrilla-girls-no-brasil-masp/>. Acesso em: 03 de jan. de 2023.

FESTIVAL LambesGoia, em Goiânia, tem colagem de mural coletivo. **DiaOnline**, Goiânia, 18 de ago. de 2022. Disponível em: https://diaonline.ig.com.br/aproveite/cidades/goiania/festival-lambesgoia-em-goiania-tem-colagem-de-mural-coletivo/?utm_source=Aproveite+a+cidade&utm_campaign=diaonline-author. Acesso em: 20 de jan. de 2023.

GIRLS, Guerrilla. *Our Story*. **Macba**, 1961. Disponível em: <https://www.macba.cat/es/arte-artistas/artistas/guerrilla-girls-grup-dartistes/our-story>. Acesso em: 03 de jan. de 2023.

IGNATIUS, Jeff. “*Being Angry Is a Great Place to Start*”: *The Guerrilla Girls, January 18 at Augustana College. River Cities’ Re@der*, 2017. Disponível em: <<https://www.rcreader.com/art/guerrilla-girls-being-angry-is-a-great-place-to-start>>. Acesso em: 03 de jan. de 2023.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de Indicadores Sociais. Governo do Brasil, 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?=&t=resultados>>. Acesso em: 10 de ago. de 2022.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MACÊDO, Gabriela. Artista denuncia que obra de arte de 5 metros de altura foi destruída menos de 12 horas após ficar pronta, em Goiânia: 'Mutilação'. **G1**, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2022/07/22/obra-de-arte-e-destruida-menos-de-12-horas-depois-de-ficar-pronta-em-goiania.ghtml>>. Acesso em: 03 de jan. de 2023.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. **Espaços Autobiográficos**. Goiânia: Câmara Brasileira do Livro, 2019.

SILVA, Hertha Tatiely. Cartazes lambe-lambe: apropriação e significação do/no espaço urbano, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. Anais do 26o Encontro da Anpap. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.4175-4184.

SOMMER, Michelle. **Práticas contemporâneas do mover-se**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2015.

UM BARRIL DE RAP. **Eram os Deuses Astronautas**. Brasília: Um Barril de Rap, 2015. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/3TKsA1I44XjHSHKvuEcFyr>>. Acesso em: 1 de jun. de 2022.